



Recebido em: 22/09/2018

Aceito em: 02/09/2018

PODE A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA AFRICANA NA ESCOLA? UMA REFLEXÃO SOBRE OS SABERES DOCENTES E A AUSÊNCIA DE LÍLIA MOMPLÉ NO AMBIENTE ESCOLAR

CAN THERE BE LITERATURE OF AFRICAN FEMININE AUTHORSHIP IN THE SCHOOL? A REFLECTION ON TEACHERS' AWARENESS OF THE MATTER AND ABSENCE OF LÍLIA MOMPLÉ'S WORK IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

¿CABE LA LITERATURA DE AUTORIA FEMENINA AFRICANA EN LA ESCUELA? UNA REFLEXIÓN SOBRE LOS SABERES DOCENTES Y LA AUSENCIA DE LÍLIA MOMPLÉ EN EL AMBIENTE ESCOLAR

Rodrigo Nunes de Souza¹

Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega²

RESUMO

O artigo traça uma reflexão acerca da importância das produções africanas de língua portuguesa na sala de aula, dando destaque à escritora moçambicana Lília Momplé. Levando em consideração a aplicabilidade da Lei 10.639/03 na sala de aula, refletimos, também, sobre os saberes necessários para a formação docente, a partir dos pontos levantados por Tardif (2007) e associamos a pouca visibilidade que as escritoras dos países africanos de língua portuguesa têm no ambiente escolar. Para isso, destacamos duas narrativas de Lília Momplé, apresentando uma visão sobre estas e ressaltando alternativas de trabalho para o professor conduzir debates em torno da condição feminina. Sendo assim, enxergamos Lília Momplé, uma das principais vozes da literatura moçambicana, como uma autora significativa a ser trabalhada na sala de aula, abrindo caminho para haver uma maior representatividade das produções literárias africanas de autoria feminina nas escolas brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: saberes docentes, Lília Momplé, Lei 10.639/03.

¹ Mestrando em Estudos Literários junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: nunnes-rodriigo@hotmail.com

² Professora Doutora da Universidade Federal de Campina Grande (Orientadora) E-mail: mariamartanobrega@bol.com.br



ABSTRACT

The following article traces a reflection on African Portuguese-language productions in the classroom, highlighting the Mozambican writer Lilia Momplé. Taking into account the applicability of Law number 10.639 / 03 in the classroom, we also reflect on the knowledge required for teacher education, based on the points raised by Tardif (2007) and associate the lack of visibility that women writers in Portuguese-speaking countries have in the school environment. For this, we highlight the work with two narratives of the author, presenting a vision about these and highlighting work alternatives for the teacher to lead debates around the female condition. Thus, we see Lilia Momplé, one of the main voices of Mozambican literature, as one of the ways to work with African texts in the classroom and as one of the voices that need to reach this environment, thus contributing to a greater representation of literary productions of female authorship.

KEY WORDS: *teacher knowledge, Lilia Momplé, Law 10.639/03.*

RESUMEN

El siguiente artículo ofrece una reflexión sobre las producciones africanas en lengua portuguesa en el aula, destacando la escritora mozambiqueña Lilia Momplé. Teniendo en cuenta la aplicabilidad de la Ley 10.639 / 03 en el aula, reflexionamos también sobre los saberes necesarios para la formación docente, a partir de los puntos levantados por Tardif (2007) y asociamos la escasa visibilidad que tienen las escritoras de los países lusófonos en el ambiente escolar. Para ello, destacamos dos relatos de la autora, presentando una visión sobre estas y destacando alternativas de trabajo para que el profesor conduzca debates en torno a la condición femenina. Siendo así, vemos a Lilia Momplé, una de las principales voces de la literatura mozambiqueña, como uno de los caminos para trabajar con textos africanos en el aula y como una de las voces que necesitan llegar a ese ambiente, contribuyendo de esta forma con una mayor representatividad de las producciones literarias de autoría femenina.

PALABRAS-CLAVE: *saberes docentes, Lilia Momplé, Ley 10.639/03.*

Introdução

O ensino de literatura, atualmente, busca caminhos que levem o professor e o aluno a irem além do que, tradicionalmente, já se encontra em diversas escolas: o historicismo e o pretexto (ou seja, associar o texto literário ao ensino de gramática e apenas focar o caráter histórico da



literatura).

Verificamos, contudo, que o ensino das literaturas africanas ainda está aquém do esperado, pois essas letras não são, em geral, abordadas na formação inicial de muitos professores. O estudo das culturas e das tradições africanas levantam questões que giram em torno da representação do negro, mas, muitas vezes, tratam o tema de forma ampla e generalizada. Quando se direciona para produções de autoria feminina, percebemos que a situação é ainda mais frágil. Com poucos autores africanos presentes em livros didáticos ou em antologias trabalhadas e distribuídas nas escolas, a presença de autoras negras ainda é mais escassa. Vários fatores contribuem para isso, mas, desde que a abordagem das literaturas africanas se tornou obrigatória pela Lei 10.639, há reflexões importantes de educadores que defendem essa causa.

Explicita-se a necessidade de um ensino de literatura que leve em conta não a historiografia, mas, sim, a relação diacrônica e sincrônica entre autores, obras e contexto social e político. A leitura de literatura brasileira, portuguesa e de língua portuguesa (angolana, moçambicana, cabo-verdiana) é considerada fator preponderante para que, durante a análise e discussão dos textos, os alunos ampliem a compreensão do fenômeno literário e da cultura de um povo. Concomitantemente, indica-se o estudo de temas e formas com o intuito de criar condições para que haja um conhecimento crítico da literatura e da sua história. (VIEIRA, 2008, p. 444-445.)

Com base nas obras **Ninguém matou Suhura** (1988) e **Os olhos da cobra verde** (1997), de Lília Momplé, propomos analisar como ocorre nos contos da autora a desconstrução de representações que, geralmente, são associadas às mulheres negras, procurando evidenciar outras faces sociais femininas ao longo da história.

Levando em consideração que, hoje, os debates referentes ao lugar da mulher na literatura são significativos, as análises dos contos de Lília contribuirão para o crescimento da fortuna crítica da autora e para a crítica aos preconceitos raciais ainda existentes em diversas sociedades.

Questões que envolvem as diferenças vêm sendo fortemente discutidas atualmente. O racismo vem sendo combatido. A Lei 10 639/2003 tem sido fundamental nesse processo. Mas, para que a Lei seja realmente efetivada, além do professor, é necessário que toda a escola contribua para que as diretrizes sejam seguidas.

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. (MEC, 2013, p. 501)

Para Patrícia Pinheiro Menegon (2015), a relação entre os saberes e o trabalho com as li-



teraturas africanas se interligam, promovendo a mudança necessária para a construção do senso crítico-reflexivo dos alunos.

A partir dessa significativa mudança, o campo da Educação Básica passou a viver um processo de revisão acerca das concepções sobre educação de crianças em espaços coletivos, e da seleção de métodos pedagógicos mediadores e assertivos no que diz respeito à aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A exemplo disso, nos últimos anos, vimos destacarem-se no meio acadêmico novas pesquisas e discussões acerca do alinhamento do trabalho didático-pedagógico no desenvolvimento da aprendizagem de crianças nos primeiros nove anos de escolarização. O grande objetivo não é outro senão prover formas de garantir a continuidade no processo ensino-aprendizagem sem antecipação ou supressão de conteúdos programáticos que deverão ser assegurados nas séries finais e no ensino médio. (MENEGON, 2015, p. 21)

A reflexão aqui apresentada engloba uma temática que, ainda hoje, faz parte das discussões sociais e que podem ser levadas para a sala de aula, associando-as aos saberes plurais, propostos e conceituados por Tardif: os caminhos que o professor deve seguir determinarão a condução do debate. Destaca-se o método recepcional como uma das metodologias que auxiliará o professor na condução dessa proposta.

Além de Tardif, embasamos esta pesquisa nos estudos desenvolvidos por Afonso (2004), Bordini & Aguiar (1988), Díaz-Szmidt (2014), Menegon (2015), entre outros que nos ajudaram a enxergar a importância de se dar o destaque necessário para o trabalho do professor com as literaturas africanas e afro-brasileira no âmbito escolar.

O lugar da literatura produzida por mulheres na sala de aula

Ao pensarmos em literatura produzida por mulheres, provavelmente, chegamos, basicamente, três autoras brasileiras: Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector. Isso se dá porque o livro didático, muitas vezes, traz apenas estas três autoras em seus capítulos dedicados à produção literária. Esse livro é, invariavelmente, o único suporte didático que os professores possuem para ministrarem suas aulas. Outro fator relevante, sem dúvida, é a pouca leitura deste “tipo” de literatura durante a formação do professor e, até mesmo, a pouca leitura que os docentes possuem acerca de obras produzidas por mulheres.

Nosso propósito é destacar como as produções de autoria feminina ainda são pouco trabalhadas na sala de aula, especialmente aquelas, cujas autorias pertencem às mulheres-negras (sejam estas de origem africana e/ou assumam uma tradição afro-brasileira). Buscando combater tal atitude, utilizaremos, como foco das leituras/debates, as obras **Ninguém matou Suhura** (1988) e **Os olhos da cobra verde** (1997), da moçambicana Lília Momplé. Optamos por essas obras com o propósito de verificar como as personagens negras são representadas nessas narrativas. É nossa intenção responder à seguinte questão: por que, normalmente, as representações



que se associam a essas mulheres são tão presentes nos contos? Esperamos, assim, que possamos desconstruir imagens estereotipadas das mulheres, através de leituras e discussões. Também é nosso objetivo fazer essas narrativas dialogarem com outras da mesma autora, traçando um diálogo entre os contos “O baile de Celina” e “O sonho de Alima”.

As produções africanas e afro-brasileiras estão presentes desde meados do século XIX. Parece óbvio, mas, o que constatamos é a sua quase invisibilidade dentro das escolas. Até mesmo os textos produzidos por homens, muitas vezes, são tratados de forma superficial, sem uma contextualização realmente reflexiva para os alunos. Nossa proposta é sugerir que essas literaturas sejam trabalhadas de forma reflexiva, de modo a desconstruir alguns preconceitos que são associados às mulheres-negras, em geral ausentes dos livros didáticos. Como nos diz Sandra Maria Job, “não é de causar admiração [essa] ausência de mulheres, negros e negras, enfim, dos *ex-cêntricos*, das listas canônicas” (JOB, 2011, p.47).

Diante dessa perspectiva, é relevante buscarmos um espaço significativo para essas mulheres que se dedicam à escrita e, assim, dar-lhes um espaço para suscitarem debates e a reflexões. A trajetória destas mulheres merece ser destacada, pois, em sua maioria, foi enfrentando preconceitos que elas conseguiram firmar seus nomes na literatura. Nélida Piñon, por exemplo, em seu ensaio “A Longa Jornada”, fala-nos sobre o quanto é importante realçar seu percurso literário, cujas conquistas são visíveis hoje, porque, em geral, as mulheres estiveram escondidas, silenciadas:

Após séculos de frustrações, exilada na casa, a mulher passou a engrossar a procissão dos aflitos. Nas ruas, nos escritórios, atrás do balcão, acuada do dever de escalar ilusórios degraus do poder, sua consciência urgia por um decálogo que expressasse sua natureza profunda, e a orientasse quanto ao papel social a assumir. Enquanto temia que os avanços profissionais lhe roubassem preciosas conquistas afetivas. (PIÑON, 2016, p.379)

Com isso, notamos que “engrossar a procissão dos aflitos”, como se refere Nélida, representa a busca das mulheres em diferentes níveis, entre estes, o da própria escrita. E foi lutando por mais espaço na sociedade que as mulheres, finalmente, conseguiram assinalar seus lugares literários em diversos países.

Muitas vezes, nas aulas de literatura, apenas os textos produzidos por homens têm espaço. Percebemos, assim, que o trabalho com o texto, em diversos momentos, é um dos problemas que mais contribui para o pouco espaço oferecido a obras produzidas por mulheres no âmbito escolar.

Mas, na escola, não seria um direito do aluno conhecer textos de autoria feminina? A escola não deveria dar ênfase às produções africanas? Antonio Candido, em seu ensaio “O direito à literatura”, declara que



(...) a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CÂNDIDO, 2011, p. 177)

Já que, segundo Candido, a literatura é um direito, cabe-nos, enquanto professores, trazer o poder humanizador que os textos literários assumem e criar oportunidades para que essa construção seja uma ponte para desconstruir estigmas que estão, de certa forma, associados às mulheres-negras.

Literatura de autoria feminina negra: o pouco espaço na sala de aula

Como mencionado anteriormente, as produções de cunho africano estão, a nosso ver, praticamente esquecidas na sala de aula. O que constatamos é que muitos professores ainda não possuem a formação necessária (ou a carga de leitura esperada) para trabalharem este viés literário na sala de aula: “uma lacuna em meio a todas essas discussões tem sido observada, pois ainda há muito para ser discutido e são poucos os estudiosos que se voltam para os temas gênero, raça, classe” (JOB, 2011, p. 23).

Quando há estudos sobre essas produções, não é difícil encontrar, por exemplo, textos que apenas apontam preconceitos direcionados às mulheres negras. Estas são, em geral, submissas, inferiores, prontas para o deglute sexual e exploratório, objetos de prazer. Nas narrativas que analisaremos e propomos levar à sala de aula para reflexão, percebemos que, além destas representações, há outras, quebrando, desta forma, alguns estigmas em relação à população feminina negra, contrariando, portanto, os “discursos homogeneizantes da literatura” (DUARTE. *Apud*: SOUZA, 2011, p. 10).

Não pretendemos com isso apenas mostrar o outro lado da história, mas, sim, construir caminhos que levem os alunos a desconstruírem aquelas visões que, provavelmente, possuem acerca do lugar social em que a mulher-negra está quase sempre inserida. Muitas produções, cuja autoria pertence a uma mulher-negra, trazem em seu bojo de criação “seus anseios e a sua luta no dia a dia, ao mesmo tempo incorporando ‘arte e crítica social’” (SOUZA, 2011, p.12). Tais anseios e essa luta se tornam necessários, pois, afinal, a recuperação destas histórias passa pelo crivo de quem sentiu, na pele, as dores e as superações de ascender em uma sociedade que, muitas vezes, alimenta os estereótipos enfatizados, ao longo da história, no que tange ao lugar da mulher-negra.

Na escola, os estudos sobre essas autoras deveriam ser de resgate, visto que as formas como estas são apresentadas nos livros didáticos passam praticamente despercebidas. A leitura



crítica desses textos levaria os alunos a enxergarem a contribuição, o caráter de “denúncia” e de “retomada” que esses escritos possuem. Assim, o trabalho com as obras das escritoras africanas geraria uma escrita reflexiva,

Escrita [que] recupera os espólios da escravização, as reminiscências do passado, ao mesmo tempo em que nos permite pensar a condição feminina a partir das suas peculiaridades e especificidades pela subjetividade, convergindo na construção identitária. (...) as personagens tornam-se argumentos representativos de luta e resistência dos segmentos excluídos, sobretudo, da mulher negra que busca sua identidade “perdida”. (SOUZA, 2011, p. 12)

Ao propormos uma análise das narrativas de Lília Momplé na sala de aula, esperamos contribuir com a representação das mulheres nas produções literárias moçambicanas, visando a enfatizar, no contexto escolar, o lugar do feminino que, muitas vezes, está “invisível”.

Lília Momplé e o conto moçambicano: a mulher antes e após a independência de Moçambique

Com apenas três obras publicadas, mas carregadas de metáforas e figurações que expressam a condição da mulher moçambicana, as narrativas de Lília Momplé oferecem rico material à nossa pesquisa. Com textos marcados pela condição subalterna feminina em Moçambique, as coletâneas de contos **Ninguém matou Suhura** (1988) e **Os olhos da cobra verde** (1997) trazem personagens pertencentes a um contexto de dependência e, mais especificamente na segunda obra, mulheres que fogem a estas representações.

As personagens femininas de Lília Momplé se inserem em espaços que expressam suas experiências étnicas e, também, situações por elas vividas desde o período colonial até a independência de Moçambique. Postas à margem, essas personagens femininas de Momplé são subalternizadas. Os contos da autora denunciam o pouco espaço dado às mulheres moçambicanas, nos levando a compreender o porquê de a escritora ter atuado, durante o período em que esteve na presidência da Secretaria-Geral da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO), no sentido de fazer com que as mulheres tivessem seus lugares reconhecidos e, assim, pudessem ter seus textos publicados nos veículos de circulação da AEMO.

Em seus textos ficcionais, Lília apresenta representações de mulheres moçambicanas e, ao dar voz àquelas que foram vítimas do sistema colonialista, como ocorre nos contos de **Ninguém matou Suhura**, a autora dissecas as angústias pelas quais essas personagens passaram, trazendo, para o centro da narrativa, “tanto a história como a situação política de sua pátria, [ambas] tão dramáticas, que podem construir a inspiração para a criação literária” (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 181).

É notável que a autora se utiliza da memória e das próprias tradições moçambicanas para



criar os contos que compõem a sua curta, porém significativa obra. A memória assume um papel de extrema importância nas narrativas, porque esse recurso é fundamental para que entendamos a representação da mulher em Moçambique. Desta forma, destaca-se que o

(...) papel da memória na construção de uma identidade nacional está no âmago da literatura moçambicana contemporânea. Ela interroga-se sobre as diferentes versões dos episódios da história do país, tentando interpretar as desordens do tempo presentes à luz do passado. (AFONSO, 2004, p. 21)

Essas diferentes versões dos episódios da história de Moçambique, nos textos de Momplé, evidenciam mulheres condicionadas às injustiças do sistema colonial português, deixando claro o cenário de pobreza, de fome, de miséria e exploração por elas experimentado.

Assim, tem-se o gênero conto como um dos principais meios de atender às urgências de revelar aos leitores “a estória, tipo de enunciado perfeitamente adaptado às realidades instáveis e contraditórias do país” (AFONSO, 2004, p. 35). É através do conto que Lília Momplé nos revelará personagens vítimas do sistema de repressão imposto a Moçambique, no período colonial. Sua obra de estreia, **Ninguém matou Suhura**, de 1988, contém personagens que estão reclusas em um sistema de dominação, o que nos leva a enxergar a pesada carga de suas vidas, pois “estes contos são baseados em factos verídicos, embora os locais e as datas nem sempre correspondam à realidade” (MOMPLÉ, 2009, p. 104).

Como dissemos, o papel da memória é fundamental na construção das narrativas da autora. Baseando-se em situações que presenciou, Lília Momplé reconhece que “existiram vários factores que influenciaram decisivamente esta sua apetência pela escrita” (MOMPLÉ. *Apud*: AFONSO, 2004, p. 493). O fato de ter convivido com seus familiares, como sua avó, também serviu como base para a criação de seus contos, logo transformando a tradição oral, muito presente nas construções literárias de Moçambique e da África em geral, em um dos principais recursos de suas narrativas. A própria autora declara:

Sobre o que escrevo e para quem escrevo? Escrevo o que se passa à minha volta, sobre o que me impressiona profundamente, sobre a vida. Tenho, contudo, a tendência de me inspirar, principalmente, em factos verídicos ocorridos em Moçambique, o que aliás me parece natural.

Ao escrever não tenho em mente qualquer tipo específico de leitor. Também não sou daqueles que escrevem apenas para si próprios. Quero sempre partilhar a carga emocional que só a escrita me alivia e o eventual prazer estético que ela me proporciona com alguém seja o que for. Espero apenas que o leitor capte a mensagem que eu desejo transmitir e, se possível, a enriqueça com os seus próprios pontos de vista e vivências, o que tem acontecido com frequência. (MOMPLÉ. *Apud*: AFONSO, 2004, p. 494)

Observamos que, em sua primeira obra, a autora dará espaço a mulheres que, além de se-



rem vítimas do sistema imposto pelo colonialismo português, sofrem, em concomitância, com as agruras de uma sociedade marcada pela subalternização da mulher.

Em sua obra de estreia, Lília Momplé denuncia as mais diferentes atrocidades pelas quais as mulheres passaram. Não economizando a descrição de cenas permeadas de muita violência, notamos que a autora efetua uma crítica contundente à situação marginal em que vivem as mulheres moçambicanas:

As guerras miúdas de grupos organizados e pessoas preconceituosas e ressentidas motivam a escrita de Lília Momplé, que, atenta aos efeitos da colonização e das guerras, transmuta em ficção cenas de guerras menores embora não menos violentas e, sobretudo, injustificáveis. Faces de uma guerra que ainda não conheceu trégua e longe está da disposição definitiva de armas. (DUARTE, 2010, p. 366)

Em 1997, Lília Momplé publicou a coletânea de contos intitulada **Os olhos da cobra verde**. Nesta, focaliza Moçambique na fase da pós-independência, mesmo que ainda contextualize algumas situações do período colonial. A autora nos apresenta personagens femininas que fogem dos estereótipos de subalternização, transgredindo-os. São mulheres que não se deixam encaixar nos comportamentos impostos pela sociedade. Ao fugirem da condição que normalmente se esperava das mulheres moçambicanas, essas personagens “percorrem complicados caminhos, procurando construir suas novas identidades” (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 199).

Essas “novas” mulheres, na narrativa de Momplé, tentam reorganizar suas vidas diante das injustiças existentes na sociedade moçambicana. Duarte (2010) enfatiza que **Os olhos da cobra verde** expõe um lado diferente: agora, além de uma sociedade marcada por duas grandes guerras (a colonial e a civil), as personagens da autora lutam contra uma “terceira” guerra: a das mentes assimiladas de muitos moçambicanos, domadas pelas ideologias de seus antigos colonizadores.

Essa luta não tem dado trégua e vem patrocinando a reprodução de hábitos e comportamentos combatidos durante o período da colonização. Não foram, em absoluto, a expulsão do português, a retomada das referências próprias, o retorno às denominações antigas ou mesmo a euforia da liberdade, razões suficientes para expurgar do país o ranço do dominador. As práticas atentatórias à liberdade e o desrespeito pela tradição local deixou uma crosta dura de remover, cedendo apenas após o esforço árduo e contínuo que nem sempre os próprios heróis da independência estão dispostos a empregar. (DUARTE, 2010, 367).

Esse esforço árduo, ao qual se refere Zuleide Duarte, se reflete nas novas personagens construídas por Lília Momplé. Na segunda obra, vemos que as narrativas têm um tom de esperança, destacando personagens que não se subjugam aos dilemas que lhes aparecem à medida que a vida vai passando. Apesar das temáticas ainda continuarem se referindo à colonização e



ao pós-guerra, as narrativas dos contos da segunda coletânea são “menos cruas e observa-se um laivo de esperança” (DUARTE, 2010, p. 368).

Portanto, as duas obras contísticas de Lília Momplé nos levarão a enxergar como a condição feminina está presente no contexto de uma Moçambique marcada por dois grandes períodos: antes e após sua independência. Os estereótipos que, de certo modo, são de outras formas representados, constroem-se de modo peculiar em **Ninguém matou Suhura** e em **Os olhos da cobra verde**. Afinal, ambos os livros expressam momentos diferentes vividos em e por Moçambique.

Lília Momplé e a condição feminina nas aulas de literatura

Um tema recorrente nos debates sociais, a condição feminina, é também bastante presente nas obras da moçambicana Lília Momplé. Em suas coletâneas de contos, a situação da mulher é traçada com veemência pela autora, fazendo com que se conheçam muitos dos dramas vivenciados pelas mulheres moçambicanas.

Para que os professores percebam as condições que englobam a situação do feminino moçambicano, é necessária a construção dos saberes que dizem respeito à história de Moçambique e às questões das mulheres moçambicanas. Fazendo uso de conhecimentos disciplinares, os docentes, ao adentrarem no universo literário de Lília Momplé, deverão investigar as dimensões históricas dos contos da autora. Assim, poderão notar que

A escrita de Lília Momplé (nascida em 1935) está profundamente enraizada na realidade social, política e histórica de Moçambique. A escritora admitiu, em várias ocasiões, que tanto a história como a situação política da sua pátria são tão dramáticas que podem construir a inspiração para a criação literária. (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 181)

A situação da mulher-negra-moçambicana pode ser encarada como um debate necessário para que se desconstruam os estereótipos voltados à condição do feminino em Moçambique. Para isso, o professor terá, em suas aulas de literatura, duas narrativas que apresentam olhares divergentes sobre o que se propõe: “O baile de Celina” e “O sonho de Alima”. Ambos os contos versam sobre a mesma problemática: a questão da mulher na sociedade moçambicana.

Em “O baile de Celina”, a personagem principal, prestes a se formar, é impedida de participar do baile de formatura, pois, ao lado de um indiano, eram as duas únicas pessoas “de cor” da turma, sendo isso considerado “motivo de vergonha” para o Reitor. O modo como Celina e o seu colega recebem a notícia é dado de maneira direta e contundente:

– Quero avisar-vos que não podem ir ao baile de finalistas – prossegue calmamente o reitor, pousando nos jovens o seu olhar ausente de míope.



Celina não pode acreditar no que está a ouvir. As fontes latejam-lhe e uma náusea incontrolável amortece-lhe os sentidos. Dificilmente consegue permanecer de pé, a ouvir a voz do reitor que lhe soa tão suave, tão longínqua...

– Sem dúvida que vocês compreendem – continua ele – Há certas coisas que é preciso dar tempo ao tempo. Vem o senhor Governador-Geral e pessoas que não estão habituadas a conviver com gente de cor. E vocês também não haviam de sentir-se à vontade no meio delas! (MOMPLÉ, 2009, p. 54)

Com essa narrativa, o professor pode desenvolver uma discussão sobre a situação da mulher moçambicana no que diz respeito à sua formação escolar e também sobre outros temas urgentes e necessários, como o racismo, a opressão e o silenciamento feminino que, ainda hoje, são muito recorrentes em diversas sociedades.

Em “O baile de Celina”, a autora traz para o conto “o sofrimento físico e psíquico experimentado pelos negros moçambicanos na era colonial denunciando opressões das quais foram vítimas” (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 182).

Ressaltamos que o estudo do conto moçambicano é um caminho plausível para o trabalho com produções literárias na sala de aula. Maria Fernanda Afonso evidencia isso:

Por um lado, esta apetência febril pelo conto, esta riqueza excessiva que faz da narrativa curta um género rebelde, refractário a todas as definições e da toda servidão canónica, exemplifica a criação plurívoca, a fragmentação episódica e comunicativa, características da modernidade; por outro, a transgressão deliberada de modelos estereotipados, a violação da língua, a mestiçagem de culturas e discursos, decorre necessariamente da sensibilidade e da problemática de espaços caracterizados pela coexistência e negociação de diferentes códigos culturais. (AFONSO, 2004, p. 60)

Com os debates, o horizonte de expectativas dos alunos será posto à prova. O drama de Celina, por mais que não pertença à nossa realidade, fará com que os alunos associem as situações da personagem aos dramas de muitas mulheres-negras do Brasil. Por meio do método recepcional, o professor pode conduzir o debate, fazendo com que os alunos exponham suas impressões e conhecimentos acerca dos estereótipos conhecidos por eles e associados às mulheres-negras brasileiras.

O método recepcional pode ser um meio de fazer com que o professor se utilize dos seus saberes profissionais e curriculares para discutir visões acerca da condição feminina nas aulas de literatura.

Partindo de ideias formuladas por Hans Robert Jauss, a estética da recepção **é um caminho para se ampliar** o horizonte de expectativas dos alunos. Ao recepcionar e propor outras visões acerca do tema, o professor pode, no ato de produção/recepção, possibilitar a fusão de horizontes de expectativas, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor



são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. Daí pode-se tomar a relação entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para a avaliação estética da literatura. Com isso,

a valorização das obras se dá na medida em que, em termos temáticos e formais, eles produzem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse. Uma obra é perene enquanto consegue continuar contribuindo para o alargamento dos horizontes de expectativas de sucessivas épocas. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83-84)

Para mostrar o outro lado da condição feminina moçambicana na escola, a leitura do segundo conto, “O Sonho de Alima”, é imprescindível para que o aluno enxergue outra representação da mulher-negra. Alima, ao contrário de Celina, não se submete às opressões que a sociedade lhe impõe e decide realizar seu sonho, mesmo que, para isso, fique sem o apoio do marido e da família. Inicialmente presa a modelos preconcebidos, Alima vai, ao longo da narrativa, quebrando e se libertando desses parâmetros:

Ao receber o seu [diploma], Alima sente o coração bater de tal modo que se surpreende por ainda o conservar no peito. Para ela, não é apenas um modesto certificado da 4ª classe que segura com ambas as mãos, mas o testemunho do seu grande esforço para levantar o véu que encerra um mundo de infinitos horizontes, com o qual sempre sonhos, desde criança. (MOMPLÉ, 1997, p. 45)

Ao contrário de Celina, que foi impedida de concretizar seu sonho, Alima enfrentou todas as barreiras para a realização daquilo que sempre almejou: estudar. Observamos que, neste conto, **Lília Momplé** nos apresenta uma protagonista, num Moçambique **pós-colonial**, que “percorre complicados caminhos, procurando construir as suas novas identidades” (DÍAZ-SZMIDT, 2014, p. 199). Essa outra face da mulher, cuja realização se dá através de seu próprio protagonismo, engrossará o debate da condição feminina da mulher moçambicana de hoje. Levará o professor a analisar como se mostra a mulher, na atual sociedade moçambicana: dona de si, liberta de estereótipos, com desejo de remodelar sua condição na sociedade. Tal debate, além de ampliar o horizonte de expectativas dos alunos, fará com que eles conheçam, por meio dos saberes disciplinares (já possuídos e/ou adquiridos por meio de experiências), outras realidades. Estas podem se aproximar da nossa realidade ou tornar-se uma nova fonte de conhecimentos e outras visões acerca da situação das mulheres no mundo.

Por que a ausência de Lília Momplé nas aulas de literatura?

Considerada uma das reconhecidas escritoras da atual produção de autoria feminina em Moçambique, Lília Momplé ainda passa despercebida em muitas salas de aula.

Se a escola continua sendo um lugar de construção de saberes e confirmação de identi-



dades, os professores devem funcionar como uma espécie de ponte, para que seus alunos se formem, por inteiro, como sujeitos pensantes. A literatura, com seu caráter subjetivo e reflexivo, contribui para que esses indivíduos possam aceitar e respeitar as diferenças sociais, religiosas, de classe e de gênero.

Formulado por Maurice Tardif, o conceito de saber é essencial aos docentes em suas aulas: “trata-se de um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2007, p. 36). Assim, para que o professor e a escola possam, de fato, abarcar os saberes necessários, é imprescindível que os objetos do saber constituam fontes de saberes profissionais, visto que essa prática se incorporará à prática do professor. Para isso, é necessário que esses objetos e a prática docente se estabeleçam, concretamente, por meio da formação inicial e contínua do professor.

Essa realidade em torno dos saberes se reflete no livro adotado, muitas vezes, como a única ferramenta didática de que o professor dispõe. Mesmo que alguns já tragam capítulos dedicados à literatura produzida por países africanos de língua portuguesa, ainda percebemos o pouco espaço dado às escritoras africanas, assim como às produções de cunho afro-brasileiro. Ao abordar as literaturas africanas, apenas é destacada a produção de poucos escritores, entre os quais Mia Couto, Pepetela, Ondjaki, José Eduardo Agualusa.

Anselmo Peres Alós, no artigo “**Os olhos da cobra verde**: Lília Momplé revisita o passado colonialista de Moçambique”, de 2013, adverte que as produções dos autores citados encontram-se reconhecidas e publicadas por uma grande editora. O autor ainda destaca que, em se tratando de produções moçambicanas de autoria feminina, apenas o nome de Noémia de Sousa é, às vezes, lembrado.

Outro fator que contribui para a ausência de nomes como o de Lília Momplé é o difícil acesso às obras da autora, restritas, muitas vezes, a poucos acervos, existentes em universidades. No Brasil, por exemplo, as obras da autora não foram publicadas por nenhuma editora, dificultando, assim, a leitura de seus livros e contribuindo para o pouco acesso aos seus textos. Sobre a ausência de Lília Momplé em debates, no contexto escolar, Alós (2013) chama atenção para o fato de que a escritora, com seus três livros publicados há tanto tempo, encontra-se, ainda, à margem:

Compreender muito do que está travancado no meio do longo caminho que separa o público leitor brasileiro das literaturas africanas de língua portuguesa e, em especial, da literatura moçambicana: a circulação de livros e a lógica do mercado editorial. [...]. Parece-me que o grande problema está na acessibilidade aos livros editados nos próprios países africanos. Infelizmente, só chegam ao conhecimento do público mais amplo de leitores brasileiros a literatura lusófona africana já reconhecida e valoriza, em certa medida, pelo público leitor



português, através de edições publicadas por editoras portuguesas. (ALÓS, 2013, p. 98)

Apesar de a autora constar, atualmente, em muitos debates em torno da representatividade da mulher negra na literatura, há, ainda, fatores que fazem com que ela fique restrita a pequenos e escassos espaços de discussão, como a escola.

Conceição Evaristo (2009) destaca que existe, no Brasil, um desejo de apagar ou ignorar a forte tradição africana presente na formação nacional, contribuindo, dessa forma, para o silenciamento da mulher negra nos mais diferentes espaços:

Um exemplo do descaso da história oficial, que se fazia sentir até a bem pouco tempo, era – ou é? – a ausência de textos nos livros didáticos sobre os núcleos quilombolas de resistência ao escravismo que se ergueram em todo território nacional. [...] A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira. (EVARISTO, 2009, p. 24-27)

Poucos livros didáticos trazem, em seus conteúdos, o aporte necessário para o trabalho com as produções africanas na sala de aula. Muitas vezes, esses conteúdos se apresentam aquém do necessário para o professor, impedindo-o de trabalhar de modo mais criativo com textos de autoria africana e afro-brasileira. Com isso queremos dizer que os estereótipos associados à produção africana não são desconstruídos, porque o professor não tem ainda, em sua formação e/ou nos seus planejamentos, o trabalho de fazer do “ensino de história e literatura africana (...) uma forma de começar a romper com os estereótipos raciais construídos na sociedade brasileira” (SILVA; COUTINHO; SARAIVA, 2010, p. 03).

Faltam, na formação de muitos professores, os conteúdos necessários para a condução de suas aulas, bem como acesso a essas obras, o que, muitas vezes, está aquém de ser realizado, porque muitas editoras privilegiam nomes que já circulam mais facilmente em Portugal, cuja relação editorial está mais próxima ao Brasil. Se não há o acesso aos livros, o professor, enquanto leitor, não terá como conhecer as narrativas e, assim, ficará impossibilitado de trabalhar com nomes como Lília Momplé, fazendo com que ela fique de fora de seus planejamentos.

Concluimos que, nas escolas, ainda se faz necessário um aprofundamento sobre a aplicabilidade da Lei 10.639/03. Muitos professores, apesar de já terem uma certa noção da importância dessa Lei, ainda estão aquém do esperado e/ou não possuem a formação adequada para o trabalho com a África no espaço escolar. É imprescindível, portanto, que os seus saberes sejam (re)colocados na prática, sendo inseridos nos currículos. Propomos um trabalho com a Lei, com a condição feminina, por exemplo, pois esta temática é relevante para a desconstrução de muitos estigmas que ainda são direcionados às mulheres-negras, especialmente às africanas.



Evidenciamos, então, a importância do estudo da produção literária de Lília Momplé, autora moçambicana, que revela em seus contos tanto o lado opressor quanto transgressor da mulher-negra de Moçambique, levando os alunos a enxergarem, crítica e reflexivamente, duas facetas dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano: escritas pós-coloniais**. Lisboa: Caminho, 2004.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALÓS, Anselmo Pers. (2013). **Os olhos da cobra verde: Lília Momplé revisita o passado colonialista de Moçambique**. *Revista Abril*. Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, 5(10), pp.89-100.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações ético-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Brasília: Ministério da Educação, 2013.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

DÍAZ-SZMIDT, Renata. As imagens do feminino na obra de Lília Momplé. In: SILVA, Fabio Mario da. **O feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa**. Lisboa: CLEPUL, 2014. p. 181-199.

DUARTE, Zuleide. Lília Momplé: estórias de uma história contada com lágrimas. **Revista Cerrados**, Brasília, v. 19, n. 30, p. 01-18, out. 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade. **Scripta**, 13(25), (2009), pp.17-31.

_____. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. (s.d.). Disponível: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.rtf>. Acesso: 8 Jan. 2018.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo



de Afonso. Contexto Contemporâneo: cultura, educação e políticas voltadas aos docentes. In: **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: Unesco, 2011. Cap. 2. p. 23-30.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: _____ *et al.* **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.

JOB, Sandra Maria. **Em texto e no contexto social: mulher e literatura afro-brasileiras**. 2011. 146 p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Santa Catarina, 2011.

MEC. Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica, 2013. In: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso: 15/5/2018.

MOMPLÉ, Lília. O baile de Celina. In: **Ninguém matou Suhura**. Maputo: Edição da Autora, 2009. p. 39-55.

_____. O sonho de Alima. In: **Os olhos da cobra verde**. Maputo: Diname, 1997. p. 37-45.

MONEGON, Patrícia Pinheiro. **A África está em nós: contos africanos de Angola e Moçambique em Língua Portuguesa para o ensino de base intercultural**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

SILVA, Maria Natalha Morais da; COUTINHO, Douglas Wagner Brasil Maia; SARAIVA, Sueli. Literatura moçambicana e experiência de docência em escolas de ensino médio em Redenção. In: **II Semana Universitária da Unilab: Práticas Locais, Saberes Globais**. Redenção: Unilab, 2010. p. 01 - 04.

SOUZA, Adriana Soares de. **Vozes femininas: tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo**. 2011. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PIÑON, Nélide. A Longa Jornada. In: **Filhos da América**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIEIRA, Alice. Formação de Leitores de Literatura na escola brasileira: caminhos e labirintos. **Cadernos de Pesquisa**, 38 (134), 2008, pp.441-458.

